



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **A MEMÓRIA DE PROFESSORAS E EX-ALUNAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Ana Virgínia de Carvalho\*  
(UESB)

Eliane Macedo Rocha Moura\*\*  
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães\*\*\*  
(UESB)

Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro\*\*\*\*  
(UESB)

#### **RESUMO**

O presente texto trata-se de um recorte de estudos que estamos desenvolvendo na linha de pesquisa do Projeto do Museu Pedagógico “Fundamentos Históricos da Educação em Vitória da Conquista - BA: Dos antecedentes até a década de 1960”, com o objetivo de recuperar os sujeitos e lugares da História da Educação do Município de Vitória da Conquista-Ba. O projeto reúne, além dos professores envolvidos, uma equipe de pesquisadores e bolsistas de Iniciação Científica da FAPESB e do PIBIC visando ao estudo da origem da escola pública em Vitória da Conquista, seus sujeitos e materiais. Apresentamos, a seguir, o recorte sobre a História de professores que ora nos faz revisar a escola pública como alunos e ora como professores.

---

\*Discente de Pedagogia do VII Semestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bolsista de iniciação Científica do Projeto Fundamentos da Educação-FAPESB. Membro do Grupo de Estudos Fundamentos da Educação, pelo Museu Pedagógico - UESB.

\*\*Discente de Pedagogia do VII Semestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bolsista de iniciação Científica do Projeto Fundamentos da Educação - CNPQ, membro do Grupo de Estudos Fundamentos da Educação, pelo Museu Pedagógico - UESB.

\*\*\*Professora da UESB; Doutora em Educação pela UNICAMP, Coordenadora do Museu Pedagógico/UESB, [Irochamagalhaes@gmail.com](mailto:Irochamagalhaes@gmail.com) (co-orientadora).

\*\*\*\*Professora da UESB; doutora em Educação pela UFBA; integrante do Museu Pedagógico/UESB. E-mail: [apcasimiro@bol.com.br](mailto:apcasimiro@bol.com.br).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Professoras; Memória; Vitória da Conquista.

### INTRODUÇÃO

Durante a primeira República, assistimos à ausência do Estado na instalação de escolas, apesar de toda a discussão iniciada na década de 20 pela Associação Brasileira de Educação e pelo movimento dos pioneiros da Escola Nova, em prol da educação. Sobretudo, a partir da década de 30, dentre as campanhas realizadas, estavam à construção de escolas públicas e o fim do analfabetismo, além da discussão travada com o movimento católico que lhe fazia oposição. No plano concreto, o debate sobre a escola pública alcançou os anos de 1950-1960 ainda marcado por debates políticos ocorridos entre católicos e liberais que refletiam o conflito entre o público e o privado na educação, como sendo uma manifestação das relações de uma sociedade marcada pelo antagonismo de classes (BUFFA, 1997).

A cidade suplantando o campo, o trabalho como via de remuneração, a escola como ideal passam a se constituir como elementos constitutivos dos anseios sociais, familiares. A instrução pública, centrada na escola primária e ginásial, depois da escola normal, a despeito de sua implantação no Brasil, desde os anos de 1920-1930, não suplantou e muito mais dependeu das escolas isoladas. No caso de Vitória da Conquista, a primeira escola pública estatal construída foi o Prédio Escolar Barão de Macaúbas, em 1935, o qual se tornou de grande representatividade social. Em 1940, foi a vez do Ginásio de Conquista, primeiro ginásio da cidade. Cabe destacar que era particular e fortemente ligado à Igreja Católica, cujo diretor foi o Padre Palmeira, mais tarde, figura política de destaque na cidade, principalmente quando atuou como Secretário da Educação na Bahia. O Ginásio, fundado em 1940, possuía grande



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

respaldo e representatividade e, a partir de 1952, dividiu o destaque com a recém-fundada Escola Normal IEED (Instituto de Educação Euclides Dantas), escola pública, que geralmente abrigava alunos que continuavam seus estudos após a conclusão do curso ginasial no Ginásio de Conquista.

A partir da Segunda Guerra Mundial e no imediato pós-guerra, o capitalismo ganhou nova dimensão, pautada na corrida imperialista de expansão de mercados. Surgiram, então, nesse contexto, várias teorias de modernização e políticas desenvolvimentistas, voltadas principalmente aos países de Terceiro Mundo e, também, como medida contrária ao avanço comunista. No Brasil, a modernização desenvolvimentista tinha sido a perspectiva dominante, desde o governo de Juscelino Kubitschek, com o programa de fazer o Brasil progredir “50 anos em 5”, alcançando, não apenas o mundo social, econômico e político do país, mas, também o mundo acadêmico, especialmente nas décadas de 50 e 60, oferecendo suporte teórico para as políticas desenvolvimentistas (CARDOSO, 2006). Dentre os discursos proferidos estava: “[...] substituir o “político” pelo “técnico”, a “demagogia” pela “Ciência”, o “Carisma” pela “eficácia”. A elite tecnocrática apresenta então, uma ação planejada como instrumento de aperfeiçoada política de desenvolvimento” (XAVIER, 1994, p.207).

No que tange à educação, verificamos que, de acordo com Cunha (2002, p.13), “nos anos 50-60 a defesa da escola pública, no contexto da discussão da LDB deu continuidade ao pensamento de educadores como Anísio Teixeira [...]”, a LDB terminou se constituindo um documento que conciliou a defesa do ensino público (através do projeto Mariani) e a defesa da expansão privada, sobretudo, através do Projeto de Lacerda.

Com o Regime Militar, em 1964, foi retomada e radicalizada a política de caráter desenvolvimentista e, assim, a implementação compulsória da educação para o mercado profissional.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Na década de 70, surgiram estudos empenhados em criticar a educação dominante de caráter tecnicista e a concepção analítica, ainda que fossem acobertados pelo discurso político pedagógico oficial. (SAVIANI, 2008). Também, ocorreu a mobilização de entidades de professores de primeiro e segundo graus através de organizações como CPB (Confederações de Professores do Brasil), CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação), CONAF (Confederação Nacional de Funcionários das Escolas Públicas), etc. Entretanto, foram movimentos marcados por contradições e ambigüidades, enquanto que nas escolas, perdurava a pedagogia reprodutivista, e a formação voltada apenas para o mercado de trabalho.

É nesse contexto que vamos nos encontrar com a história das professoras aposentadas, fruto social desses tempos que, no contexto de Vitória da Conquista, estudaram no Ginásio de Conquista (um colégio particular dirigido por um padre) e complementaram seus estudos na Escola Normal (colégio Estadual), ambos considerados na década de 50-60 como as melhores instituições escolares da cidade.

Nesse sentido, tomamos os marcos dos anos de 1940-70 para estudar a educação, pela voz de professoras as quais, ora como alunas, nos anos de 1930-40, ora como professoras nos anos de 1960-70, revelam e delineiam os processos que definem a história da escola e da educação em nossa região.

Utilizaremos a História oral como recurso documental. De acordo com Thompson (1988, p.197), “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetiva [...]”. Segundo o autor (1988, p.18), para se obter os depoimentos orais, o historiador precisa “saber ouvir as pessoas, pois trata-se de uma característica fundamental do historiador oral e tem o ideal de contribuir com seu trabalho na elaboração de uma memória mais democrática do passado[...] possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores”.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **A trajetória de professoras – relatos de experiências**

A primeira professora que entrevistamos conta a sua história, relembrando ou revelando as histórias de famílias extensas, que migravam de um lugar para o outro, do campo para a cidade, em busca de perspectivas de vida, aliás, uma história possivelmente vivenciada por muitas famílias brasileiras, particularmente entre os anos de 1930-1940. Como podemos verificar em sua fala:

[...] com 9 anos papai mudou pra Ibicuí, eu cheguei lá e fiquei sem estudar, aí...chegou uma professora de Rio Novo chamada D. Iraíldes que abriu uma escola lá numa sala porque não tinha um lugar próprio para uma escola, precisava de uma escola. Aí.. eu comecei estudar com ela, morava na roça, lá pro lado de Ibicuí ia a pé voltava a pé, e longe e estudando, quando eram cinco horas da tarde, eu ia embora, sozinha, tinha casa de um lado, casa do outro, casa de um lado, do outro, fazenda que tem muitas casas, ia caminhando, caminhando, até chegar em casa, aí ... no outro dia vinha outra vez a mesma coisa, foi estudando, fui estudando, fui estudando, até eu fiz, terminei acho o terceiro ano primário, terceiro ano primário, depois minha mãe adoeceu lá, eu também tive lá uma doença chamada [...] vomitei muito, tifo,terrível, tifo, quase morro, quase morri, quase morro com essa doença, e ... eu fiquei magra caiu o cabelo todo, sofri muito, minha mãe sofreu muito, minha mãe teve criança, tava doente e... ia sempre doente, sempre doente, papai labutava numa roça, plantava cana, plantava café, plantava tudo ai ele veio um dia passear aqui meus parentes que moravam lá na rua do "Arião", você sabe onde é a rua do Arião?

É interessante observar que a perspectiva da educação da mulher para desempenhar bem as tarefas domésticas, da casa e do marido, por volta dos anos de 1940-60, parece que vai sendo reordenada pelas necessidades das condições materiais de vida de muitas famílias, em geral extensas, e cujas progenitoras, faleciam muito cedo, deixando a educação de seus filhos dependentes de situações extra-



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

familiares, o que passou a significar, para essas mulheres, a necessidade do acesso ao trabalho fora de casa e, até mesmo, a dependência de outras famílias, da caridade, do trabalho não remunerado em companhia de outra família.

Tanto na fala dessa professora como da outra, observamos essa referência. Segundo a nossa primeira entrevistada, em 1949, ela retornou para Vitória da Conquista, passando a freqüentar a segunda Igreja Evangélica e a trabalhar de costureira, depois, como ajudante em uma escola particular, semi-internato, para tomar conta das meninas.

A referida professora, através do seu contato com a dona da escola, manifestou sua vontade de estudar e teve seu pedido atendido, naquela época, no único ginásio da cidade:

[...] ela foi lá e conversou com o padre Palmeira, disse que eu tinha vontade de estudar, e ... que eu queria estudar, e ele falou, fala com ela, que ela vem, como eu posso negar pra Senhora, a Senhora tem tantos alunos aqui, como eu posso negar um pedido da senhora? E mandou eu ir pra lá fazer o curso pra fazer admissão, todo dia de tarde eu estava lá fazendo admissão, fazendo, aprendendo, aprendendo matemática, português, geografia, tudo. As professoras que eu não sei mais quem era, né? Naquela sala grande, que têm a sala grande, onde fez uma festa outro dia, que eu fui também, apresentando os ex-alunos do Padre Palmeira, eu também fui, aí, eu fiz o curso e no dia certo eu fui fazer a prova, eu fiz a prova de admissão, e passei na prova e comecei estudar, comecei estudar [...]

Nota-se, pela fala da professora, que não há referência à escola pública. Ela estuda em uma sala de uma professora primária até a 3ª série, muda-se para Vitória da Conquista em 1949 e vai continuar estudando no chamado Ginásio do Padre, também particular. Realidade bastante próxima da segunda professora entrevistada, que também começou a trabalhar, depois da morte da mãe, quando contava com 15 e/ou 17 anos, e foi estudar no já citado Ginásio:



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Mamãe era viva, eu era filha única, ela fazia tudo por mim, ela fazia toda a minha vontade. Eu estudava de bolsa naquele tempo pagava (um conto e quinhentos) e dividido em três vezes, quinhentos quando entrava, quinhentos em junho e quinhentos no final do ano. O Ginásio de Conquista. E eu fui bolsista eu e meu irmão [...].

Como podemos observar, as trajetórias das duas entrevistadas indicam que a escola, principalmente a ginásial, era notadamente privada e a inserção no trabalho por uma necessidade imperiosa de ordem familiar, inclusive, pela falta da mãe.

O Ginásio de Conquista foi o primeiro ginásio da cidade, fundado em 1940, cujo diretor era o também professor Padre Palmeira. Segundo Magalhães e Casimiro (2007), o Ginásio do Padre, como era popularmente conhecido, era considerado a principal instituição de ensino a partir da década de 40, adquirindo grande nome, e muitos profissionais reconhecidos na cidade estudaram lá. Atualmente, o seu prédio abriga o Museu Pedagógico da Uesb e podemos observar o quanto a comunidade formada de ex-alunos, relembram com saudade aquele espaço. Sem dúvida alguma, o referido Ginásio se constituiu como um marco para a educação em Vitória da Conquista, mas, não podemos deixar de destacar que, dentre os alunos que lá estiveram, a maioria eram oriundos de famílias mais favorecidas economicamente. Os pobres, quando porventura conseguiam estudar no mesmo, eram através de bolsas de estudos, ou ajudados financeiramente por terceiros, como foi o caso das duas professoras, a primeira, que estudou graças à mediação da dona da escola particular com quem trabalhava e a segunda, que ganhou bolsa de estudo através do candidato a governador da Bahia e político de destaque em Vitória da Conquista: Régis Pacheco, que era grande amigo de sua família.

O processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens juntos à idealização das mulheres como sendo menos



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

competitivas, mais afetivas, mais relacionais, intuitivas e “cuidadoras”, fez com que as mulheres fossem consideradas seres que possuísem uma espécie de dom natural para o magistério, uma vez que elas seriam as responsáveis, na casa, na educação dos seus filhos (LOURO, 1997).

Para Nogueira (*et ali*, 2007), o processo de feminização do magistério remonta aos finais do século XIX e essa necessidade estaria ligada à modernização da sociedade e ao processo de higienização da família, juntamente com a criação do sentimento nacional de ordem e progresso. Junto a isso, as lutas e reivindicações femininas que buscavam seus direitos exigindo o acesso a instrução e oportunidade de trabalho remunerado, levaram as mulheres a ocuparem as salas de aula, o que não se deu de maneira pacífica. Essa realidade terminou ocasionando, gradativamente, a feminização do magistério. A imagem do sexo feminino estava ligada à moralidade cristã, pureza, maternidade e patriotismo, a mulher era valorizada como mãe e esposa, representante máxima do lar, mais adequada, sobretudo, a lecionar na educação infantil.

A Escola Normal Euclides Dantas também se constituiu um grande marco na cidade de Vitória da Conquista. Fundada em 1952, para Mendes (2004), as instituições escolares, principalmente, aquelas ligadas à formação de professores representam grandes marcos para as localidades.

Nesse contexto da década de 50, Vitória da Conquista vivia uma efervescência política com a perspectiva da ascensão de Régis Pacheco a Governador da Bahia. A construção da escola normal fez parte de uma de suas idealizações que foi concretizada em 1952, permanecendo nas memórias da comunidade conquistense como a efetivação de um grande sonho.

Essa escola teve como objetivo inicial o Curso Normal Rural, considerando o movimento em prol da ruralização do ensino primário, uma vez que havia poucos professores formados para essa modalidade de ensino, porém, um fato que chamou



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

atenção na sua implementação foi que, na prática, isso ocorreu de maneira superficial, devido à carência de professor na zona urbana. O papel do professor formado nessa escola seria a de espargir o saber e a civilização, marcando o sentido do ser professor como aquele que se sacrificaria pelo progresso da nação. Cabe enfatizar que este possuía grande *status* social naquele momento. Um outro fator de destaque a ser ressaltado na Escola Normal é que a maioria dos professores ingressos eram mulheres, inclusive, existem registros de turmas exclusivamente femininas. Geralmente, mulheres e moças provenientes das classes economicamente mais favorecidas, e conhecidas na cidade como as professorinhas ou normalistas sendo que o magistério era visto como uma extensão da maternidade, associado às atividades de amor, entrega e doação, para aquelas que tivessem tal vocação (MENDES, 2004).

A primeira professora entrevistada estudou na escola Normal e, após ter se formado em história, em Teófilo Otoni, também através de ajuda financeira de terceiros, se tornou mais tarde uma das professoras da Escola Normal, convidada pelo diretor Artur Seixas em 1973, e que ensinava simultaneamente na escola maçônica São João Batista.

Ela lecionava história, um pouco de inglês, moral e cívica, e deu aula de matemática também. Segundo ela, era polivalente, pois ensinava quase todas as matérias. Ensinou história durante 22 anos e, nesse ínterim, segundo ela, a escola normal se dividiu, sendo que uma parte da mesma ficou conhecida como GOT (Ginásio Orientado para o Trabalho). Ela lecionou até 1996, quando, por conta da isquemia cerebral, precisou entrar de licença e aposentar.

A segunda professora estudou na escola Normal, concluindo os estudos em 1955, depois, se tornou professora da Escola São José da professora Helena, uma escola particular de Vitória da Conquista, ensinando todas as matérias no primário. Em 1968, ela foi diretora do Colégio Paulo VI e, nesse ínterim, lecionou em escolas



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

fora das redondezas de Conquista, como Cândido Sales, Maiquinique, etc., dando aulas de português.

Ela lembrou com muita saudade do tempo em que foi professora, por considerar que antes essa profissão era muito mais valorizada do que hoje em dia, como podemos verificar em suas falas em que tece críticas ao ensino atual:

[...] um professor no interior antigamente, ele valia por tudo, ele tinha que ser padre, tinha que ser juiz de paz, tinha que ser tudo pq era tido como superior, hoje em dia o professor não vale nada, tira por essa novela de agora a pobre da professora coitada, só falta apanhar. Na “novela caminho dos Índias” (a novela das 8 da rede globo, junho/2009) às vezes, o professor quer dar uma aula boa, mas não há mais castigo, não há mais... no meu tempo havia sabatina, sabatina de verbo, sabatina de Geografia, países, estados e capitais, havia também sabatina de outras matérias que precisava, aula de tabuada mesmo tinha que ter pra o aluno aprender, hoje o aluno não sabe contar, já vai logo pra calculadora ...

Podemos observar, então, a partir dos relatos das referidas professoras que o ser professor na década de 50, 60, 70 em Vitória da Conquista era possuir prestígio social. Elas lembraram com muito saudosismo o que para elas foram os “anos de ouro da educação”, na cidade, criticando o momento atual, e desabafando que atualmente o professor, além de ter perdido o seu *status* é esquecido, como podemos verificar em uma de suas falas:

Ah! Muito melhor que a de hoje, o ginásio de antigamente, que hoje é quarta série valia quase como a faculdade, porque eu tenho simplesmente o magistério, e já fiz muito trabalho pra faculdade, de meu ex-marido. Ele levava trabalho de resumo, apostila, interpretação de livros, e eu fazia tudo pra ele, e não ganhava nada, porque nós aprendemos no ginásio. No ginásio tínhamos direito, latim, francês, inglês, geografia, história, português, matemática, biologia, tudo no ginásio, já no magistério, foi a recapitulação de tudo [...] eu queria dar um pouco de mim pra o meu semelhante, né,



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

por que o professor é à base de tudo, não existe médico sem professor.[...] Eu já fui gente minha filha, hoje sou pessoa (risos) eu vou explicar pra vocês a diferença, de uma coisa pra outra, gente é o que ainda tem realce na sociedade, quanto tem fama, que são lembrados por todos, [...] eu já fui tudo isso, hoje eu sou ninguém, sou pessoa, sou humana, eu não sou lembrada pra nada... Isso faz muita diferença.

Ela relembrou com muita saudade do tempo em que foi professora, por considerar que antes essa profissão era muito mais valorizada do que hoje em dia, como pudemos verificar em suas falas.

Através dos relatos de experiências e, também, pelos documentos oficiais e pessoais guardados que podem ou não ser mostrados na hora das entrevistas, reconhecemos a representatividade de suas histórias de vida (MOURA e CARVALHO, s/d.) as quais, conectadas à coletividade, através das instituições que faziam parte (escolas, família, trabalho, religião, etc), integram também a memória social dos professores em Vitória da Conquista, capítulo importante para a compreensão do cotidiano escolar, práticas pedagógicas, docentes e relação entre professores e alunos, questões de gênero, etc.

Finalizando, devemos destacar que, para o atual texto, apresentamos apenas a análise das entrevistas de duas professoras, considerando que devido a algumas circunstâncias como idade, memória, condições de saúde, etc., optamos por realizá-las de forma gradual. Ainda devemos continuar as entrevistas e é possível que ainda consigamos descobrir a existência de documentos escritos e fotografias, que as referidas professoras tenham guardado e as lembranças daí decorrentes.

### REFERÊNCIAS:



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

- BUFFA, Ester. **A Educação Negada**. Introdução aos Estudos da Educação Brasileira Contemporânea- Paulo Nosela. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997 (Coleção Biblioteca da Educação). Série 1. escala; V17.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. Sobre as relações capitalistas. In: **Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.
- CUNHA, Luiz Antônio. **O Golpe na Educação**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GÓES, Moacyr de. Voz Ativa. In: **O Golpe na Educação**. 11ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MACHADO, Lucília R. de Souza. **Politecnia, escola unitária e trabalho**. São Paulo: Cortez, 1989. Autores Associados.
- MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; CASIMIRO, Ana Palmira B.S. O Surgimento da Escola Pública no Planalto da Conquista. In: **Revista on-line Histedbr**. Campinas/SP: UNICAMP, 2005. p.1-9.
- MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; CASIMIRO, Ana Palmira B.S. Relatos de experiência: memória e educação do Ginásio Padre Palmeira. In: **Revista Publicatio**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 139-148.
- MENDES, Geísa Flores. **Luzes do saber e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista: edições Uesb, 2004.
- MOURA, Rosana Nadal de Arruda; CARVALHO, Silvana Maura Batista de. **Trajetória de Professoras normalistas da década de 50 na Região dos Campos Gerais-PR: Um recorte histórico através da história oral**. In: IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações, 2004, Ponta Grossa - PR. Anais eletrônicos do IX Encontro Regional de História. Ponta Grossa - PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2004. V. 1. p. 1-16.
- NOGUEIRA; *Et Ali*. Feminização do magistério no Brasil: o que relatam os pareceres do primeiro congresso da instrução do Rio de Janeiro. In: **Revista on-line Histedbr**. Campinas: UNICAMP, 2007. N. 27, p.78-94.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.
- SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: autores associados, 2008.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- XAVIER, Maria Elisabete (org.). **História da Educação: A escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.
- Entrevistas realizadas no dia 27/05/2009 com a professora Valdelice, dia 16/06/2009 com a professora I.